

NOSSA OPINIÃO

/// O ex-presidente do BCI, Armínio Fraga, critica o modelo de gestão da economia do país e recomenda uso melhor dos recursos públicos

DIFICULDADE DE CRESCER

O fato de a produção industrial ter avançado 2,5% em janeiro ante dezembro reforçou expectativas de retomada do crescimento. Mas, entre visões otimistas e outras nem tanto, há um ponto em comum: a economia não está funcionando bem. O modelo de gestão é defeituoso.

Questões cruciais do quadro atual são criticadas de forma contundente pelo ex-presidente do Banco Central Armínio Fraga. Em entrevista ao Estado de S. Paulo, ele afirma claramente que “as condições para o investimento não estão dadas; há problemas em infraestrutura, mão de obra qualificada, estrutura tributária, burocracia, qualidade da regulação”.

Trata-se, na verdade, de velhas mazelas estruturais cujos efeitos nocivos sobre a competitividade se acumulam pela queda no investimento. A taxa recuou do montante equivalente a 19,3% do PIB em 2011 para 18,1% em 2012. É o dado mais preocupante na análise do crescimento do PIB, em apenas 0,9% no ano passado.

Medidas pontuais utilizadas pelo governo Dilma para tratar problemas macroeconômicas, como o crescimento do PIB, também são reprovadas por Armínio Fraga. Elas “acabam sendo boas apenas para empresas ou setores específicos. Quantos pacotes nós vamos fazer para a indústria automobilística? Não é assim que se resolve o problema. Ou a indústria automobilística brasileira se encaixa nas cadeias produtivas globais dentro dos melhores padrões, ou vamos ficar apoiando sempre”, bombardeia.

O ex-presidente do BC vê ineficiência do uso do “precioso dinheiro público” com a concessão de incentivos pontuais, e afirma que “o país ganharia muito mais eliminando um número colossal de distorções no sistema tributário, nas alíquotas de importação, para dar dois exemplos”.

As críticas de Armínio Fraga sobre o modelo econômico reafirmam várias reivindicações da iniciativa privada. Por certo, o estreitamento do diálogo com o governo pode redundar em bom encaminhamento para determinadas questões. Mas é preciso sensibilidade do Planalto.



EU DIGO QUE...

“É mais uma mudança visando à campanha eleitoral de 2014. É uma utilização dos ministérios para atender a interesses eleitoreiros”

Ronaldo Caiado Deputado federal (DEM-GO), questionando a reforma ministerial do governo Dilma

“Eu saí de lá emocionado. Vou ser ator pelo resto da vida. Vou continuar com novela, seriado e continuar com cinema

Ariel Goldenberg Ator brasileiro, que tem síndrome de down, após o emocionante encontro com o ator americano Sean Penn, nos EUA

Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas E-mail: roberto.simoies@ufes.br

/// Em quanto tempo o Estado pretende atingir a meta civilizada de homicídios? As 1.661 mortes de 2012 suplantam em 4,6 vezes a taxa máxima da OMS

Social atrasado

Ainda antes de março, mas já foi ultrapassada no Espírito Santo a taxa anual de homicídios considerada limite pela Organização Mundial da Saúde (OMS): 10 por 100 mil habitantes. Com mais de 360 mortes só no primeiro trimestre, uma boate Kiss e meia, a violência epidêmica persiste, banalizada, no Estado – configurada quando a taxa da OMS fica para trás.

O contágio e a propagação da violência se dão nos bairros, escolas, trânsito, famílias e nas relações pessoais. Nesta ambiência epidêmica, uma desavença da vida tende a ser resolvida no tiro. A vigente política de segurança resume tudo às drogas. Mas qual é a política para as gangues de jovens traficantes que guerreiam no Estado? Em Santa Catarina, o tráfico é diferente, pois atua o centralizado PGC (Primeiro Grupo Catarinense), além do PCC.

Em quanto tempo o Estado pretende atingir a meta civilizada de homicídios? As 1.661 mortes de 2012 suplantam em 4,6 vezes a taxa máxima da OMS. Elas equivalem, também, à média anual de mortes da guerra civil da Somália (1982-2000). Nos últimos 20 anos, os homicídios no ES se aproximam da

guerra pela independência de Moçambique (1962-1975). É a outra face africana do Estado. Até quando?

Diante deste quadro pavoroso, o governo Casagrande não tem uma meta pública; aliás, ela deveria ser pactuada entre a sociedade e o Estado. É flagrante a desproporção entre o tamanho da epidemia das violências e a baixa e lenta intensidade das ações integradas e da mobilização do Estado para buscar revertê-la. Estão aquém das planejadas para as epidemias da saúde.

O outro atraso é na saúde pública estadual – pressionada pelas violências. Na recente representação do Ministério Público de Contas e da 3ª Promotoria Cível da Serra, sobre “irregularidades perpetradas” na contratação de uma organização social para gerir o novo Dório Silva, consta a velha enfermidade: “A Sesa é veemente em afirmar que o levantamento de custos não teve por parâmetro os praticados na rede estadual de saúde em decorrência desta secretaria não dispor em suas unidades hospitalares de um centro de custo”. Que doença grave!

Ao não se saber o custo de leito hospitalar no Espírito Santo, confirma-se a epidemia da falência múltipla dos órgãos no trato do dinheiro público. Para contratar a organização social, adotaram-se “valores praticados no Estado de São Paulo” – um remédio, no mínimo, fora de propósito.

Por que o social de interesse da sociedade está tão atrasado no Estado?

HÁ 50 ANOS

FOTO: PROJETO ACERVO DIGITAL / WWW.AGENCIAAG.COM.BR



Jango determina suspensão de negociações com os Estados Unidos

O presidente João Goulart confirmou hoje de madrugada, ao chegar à Guanabara, sua determinação à missão San Thiago Dantas de suspender as negociações financeiras com autoridades americanas para o reescalonamento das dívidas brasileiras. A crise surgiu depois que o embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Lincoln Gordon, disse que elementos comunistas se infiltraram no governo brasileiro.